

A narratividade na reconstrução da história*

BRUNA DETONI**

DANIELA MALTZRASKIN***

DESIRÉE DE NARDITROIS****

GABRIELA FILIPOUSKI*****

RESUMO: O presente artigo abordou o estudo da transmissão psíquica entre gerações, que se baseia no legado herdado dos antepassados e se traduz na riqueza de costumes e tradições familiares. Neste processo, quanto mais as situações forem faladas, discutidas e elaboradas no ambiente familiar, maior será a possibilidade de enriquecimento psíquico de cada indivíduo e do grupo como um todo. Por meio da análise da história de vida de Miguel, contada no filme *Viva - A vida é uma festa*, a narratividade foi abordada como parte importante do processo de subjetivação.

PALAVRAS-CHAVE: Transmissão psíquica. Subjetividade. Narratividade.

The narrativity in the reconstruction of history

ABSTRACT: The following article deals with the study of psychic transmission between generations, which is based on the legacy inherited from the ancestors and is translated into the wealth of customs and family traditions. In this process, the more the situations are spoken, discussed and elaborated in the family environment, the greater the possibilities of psychic enrichment of each individual and the group as a whole. Through the analysis of the life story of Miguel, told in the movie *Coco*, narrativity was approached as an important part of the subjectivation process.

KEYWORDS: Psychic transmission. Subjectivity. Narrativity.

Introdução

O grupo familiar é o espaço originário da intersubjetividade, uma vez que precede o sujeito singular, mantém-se estruturado por uma lei constitutiva e seus elementos possuem relações de diferença e de complementaridade (Mello, 2005). De acordo com Victor Guerra (2014), a intersubjetividade é o conjunto de experiências co-construídas quando duas pessoas se encontram, ou seja, a

* Trabalho apresentado como tema livre da XXXIX Jornada do Ceapia.

** Psicóloga Especialista em Psicoterapia Psicanalítica da Infância e da Adolescência pelo Ceapia.

*** Psicóloga Especialista em Psicoterapia Psicanalítica da Infância e da Adolescência pelo Ceapia.

**** Psicóloga Especialista em Psicoterapia Psicanalítica da Infância e da Adolescência pelo Ceapia.

***** Psicóloga, Mestre em Saúde da Criança e do Adolescente.

experiência de compartilhar estados emocionais.

A subjetivação implica dar um sentido à experiência em relação a si mesmo, não apenas com referência ao que aporta o meio ambiente. É a construção do *self* em função da associação corpo-mente, com a passagem de um funcionamento sensorial para um representacional e com a necessidade de ligar a pulsão e a sexualidade a um outro desejante. Nesse processo, por exemplo, um bebê pode ir construindo a sua perspectiva, sua maneira de explorar os objetos, no seu tempo e seu ritmo (Guerra, 2014).

Os bebês necessitam mais do que o relato de histórias, também precisam, pouco a pouco, aprender a relatar sua própria história. Esta aprendizagem interativa se faz a partir do encontro com um ou mais adultos, que já instauraram sua própria narratividade (Golse, 2003). Desta forma, os adultos têm a incumbência de transmitir as histórias para a geração seguinte.

Transmitir é fazer passar um objeto de identificação, um pensamento, uma história e/ou afetos de uma pessoa para outra. A constituição do sujeito se dá através dessas transmissões, que podem ocorrer de forma saudável ou patológica. Os acontecimentos mais dolorosos não são, necessariamente, os mais alienantes; qualquer acontecimento poderá ser traumático e alienante para os descendentes se não puder ser elaborado, possibilitando que os afetos que suscita venham a ser tolerados, contidos ou representados (Trachtenberg, 2005).

Considerando uma perspectiva entre gerações, a transmissão psíquica corresponde às alterações psíquicas, na sua grande maioria inconscientes, e abrange tanto aspectos positivos como negativos. Ela é construída numa dinâmica relacional entre duas ou mais gerações. Por um lado, garante a conservação das aquisições e do potencial espiritual da humanidade, mas, por outro, também é transmitida aos filhos como responsabilidade de superar o que permaneceu suspenso ou não foi elaborado no inconsciente de seus pais e de seus avós (Trachtenberg et al, 2005).

A transmissão transgeracional acontece entre gerações a distância, já que não exige contato direto. É exercida no sentido descendente (das gerações passadas para as gerações presentes), utilizando sobretudo as vias da linguagem (interditos, não-ditos...). Corresponde à transmissão reconstruída *a posteriori* e, como tal, foi estudada principalmente pelos psicanalistas de adultos (Golse, 2003).

A transmissão intergeracional, ao contrário, acontece entre as gerações em contato: pais e crianças, essencialmente. É exercida nos dois sentidos, ascendente e descendente, e utiliza as vias da comunicação verbal e não-verbal. Pode ser observada de modo direto e, como tal, foi estudada recentemente por psiquiatras, psicólogos do desenvolvimento e psicanalistas de crianças ou de crianças muito pequenas (Golse, 2003).

O crescimento e a maturidade psíquicos das crianças, relativos ao desenvolvimento saudável, mas também às perturbações de seu desenvolvimento, se apresentam no entrecruzamento de fatores endógenos e exógenos. Endógena

é a parte pessoal da criança (seu temperamento, seu equipamento neurológico, genético e cognitivo), e exógenos são fatores que decorrem do encontro da criança com seu meio, por essência imprevisíveis e que constituem a trama da sua história relacional (Golse, 2003).

O bebê tem necessidade de uma história, não apenas médica, biológica ou genética, mas também relacional. Somente essa história relacional lhe permite se inscrever na sua dupla filiação, materna e paterna, colocando em cena os processos de afiliação. A história se co-constrói entre as crianças e os adultos; é fruto de uma co-escritura ativa, ou seja, a narratividade, ela mesma, encontra-se como produto de interações precoces (Golse, 2003).

A noção de narratividade pressupõe a construção de uma história através do relato de um sujeito sobre si mesmo em relação com o ambiente a sua volta. No entanto, nos primórdios da vida, quando a capacidade de verbalização ainda não foi adquirida, e quando a relação da diade mãe-bebê é o que há de mais significativo, as experiências vividas são relatadas através de um repertório gestual. Sendo assim, o bebê constrói, à sua maneira, as sequências interativas nas quais se encontra implicado, e a narratividade é uma forma de construir uma relação entre fatos que estabelecem uma continuidade e sucessão de acontecimentos necessários para criar uma temporalidade e uma história (Golse, 2003).

A narratividade ordena os processos de ligação, que, sabemos bem, têm uma função antitraumática. Não poder contar é um traumatismo. A maneira pela qual a criança resiste a certos mandatos e projeções define uma parte de sua resiliência e assim se evidencia. A partir de então, a criança torna-se co-autora da história que ela mesma contribui para que seja escrita (Golse, 2003).

Um adulto traz, na sua história de interações, todas as capacidades de sintonização e harmonização dos afetos, toda a história e todo o peso de sua personalidade, mas também todo o impacto que essa criança particular ocupa de seu mundo representacional. A natureza das projeções que o adulto efetua sobre a criança depende então em grande parte desses elementos e de sua capacidade de identificação regressiva com o bebê, ou da sua capacidade de manter uma relação presente com suas próprias partes infantis (Golse, 2003).

A família é ao mesmo tempo o lugar de inscrição da criança numa genealogia e numa filiação, necessária à constituição de sua identidade e de seu processo de humanização. É também o lugar de confronto de três diferenças fundadoras com as quais todo o psiquismo humano deve se deparar e resolver: a diferença de si e do outro (a alteridade), a diferença de sexo e a diferença de geração. Nenhuma instituição pode pretender substituir a família nessas implicações fundamentais. É importante favorecer ao máximo o funcionamento das famílias para ajudá-las a realizar suas tarefas e, quando necessário, diante de falhas graves, proporcionar substituições, sem desrespeitar tudo o que pode ser mantido dos papéis parentais (Houzel, 2004).

Para ilustrar alguns aspectos da transmissão psíquica entre gerações e a narratividade enquanto parte importante do processo de subjetivação, recorre-

remos a um filme infantil recente, *Viva - A vida é uma festa* (Unkrich, 2017), que mostra um recorte da vida de Miguel.

Resumo da história de Miguel

A história se passa em uma fictícia cidade mexicana. No passado, Amélia Rivera foi esposa de um músico, que a abandonou com uma filha pequena, Inês, pela carreira musical. Magoada pelo abandono, Amélia banuiu a música em sua família e abriu uma empresa familiar de calçados. No presente, Miguel Rivera, garoto de 12 anos e tataraneto de Amélia, vive com sua família, incluindo a já idosa Inês, sua bisavó. Ele secretamente sonha em se tornar um músico, assim como Ernesto de la Cruz, um ator e cantor muito popular na época em que Amélia foi abandonada.

Um dia, Miguel acidentalmente destrói a moldura da foto de Amélia, que fica no centro da oferenda da família, e a retira, descobrindo que, nessa foto, o marido dela (cujo rosto fora rasgado) segurava o famosoviola de Ernesto. Conclui então que é descendente dele. Miguel decide contar seu segredo para a família e revela o desejo de se inscrever em um concurso de talentos da vila onde moram pra tocar e cantar. Sua enérgica avó Elena (Abuelita) se irrita com a revelação. Em uma reação extrema e exagerada, quebra seu viola por ele ter desobedecido a regra mais importante da família: “sem música”. Após este acontecimento, Miguel é obrigado a trabalhar no negócio da família, abafando o seu desejo.

Não possuindo um viola para tocar no concurso, Miguel decide pegar “emprestado” o viola de caveira que está no cemitério onde de La Cruz está enterado. Ao tocar o primeiro acorde, ele se torna invisível para todos os presentes na praça da vila. Porém, pode ver e ser visto por Dante - um cão de rua que acolheu às escondidas de Abuelita - e por seus parentes falecidos, já em forma de esqueleto, que saíram do Mundo dos Mortos para visitar seus familiares no Mundos dos Vivos durante o feriado. Os familiares levam Miguel ao Mundo dos Mortos após saberem que Amélia não pode visitar os parentes vivos porque Miguel removeu sua foto da oferenda. Quando descobrem que ele foi amaldiçoado por roubar um pertence dos mortos – o viola de Ernesto – informam que Miguel deve retornar ao Mundo dos Vivos antes do nascer do sol, ou ficará preso no Mundo dos Mortos. Antes, para desfazer a maldição, ele precisará receber a benção de um membro de sua família usando uma pétala de flor. Amélia oferece sua benção a Miguel, sob a condição de que ele abandone o sonho de ser músico quando retornar ao Mundo dos Vivos. Miguel se recusa a aceitar a condição imposta e vai em busca da benção de Ernesto.

No caminho, Miguel encontra Héctor, um esqueleto visto como malandro e de pouca sorte, que no passado foi parceiro musical de Ernesto. Miguel mente para Héctor, dizendo que precisa da benção de Ernesto de la Cruz porque ele é seu único parente no Mundos dos Mortos, quem pode fazê-lo retornar ao Mundo

dos Vivos. Héctor, por sua vez, conta que todos os seus parentes vivos, exceto sua filha, o esqueceram, por isso não há retrato seu na oferenda do Mundo dos Vivos. Se mais ninguém lembrar dele, desaparecerá. Miguel promete colocar uma foto de Héctor na oferenda da família Rivera e obtém sua ajuda para encontrar Ernesto. Héctor consegue um violão com um velho esqueleto, amargurado e boêmio, que acaba desaparecendo por ter sido esquecido. Enquanto isso, os familiares mortos de Miguel saem em busca dele com a ajuda de Pepita, um animal imaginário semelhante a um felino feroz, guia espiritual de sua tataravó.

Miguel se apresenta, junto com Héctor, em um concurso musical no Mundo dos Mortos, cujo prêmio daria acesso à mansão de Ernesto (cantam juntos a música *"Un Poco Loco"*). Porém a família encontra Miguel no concurso e Héctor descobre que o menino mentira sobre o fato de Ernesto ser seu único parente no Mundo dos Mortos. Irritado, ele tenta devolver Miguel aos seus familiares. O menino escapa, não sem antes confrontar Amélia e culpá-la por causar o banimento da música na família. Ela, entristecida, canta para expressar seu sofrimento.

Com a ajuda da banda que acabou vencendo o concurso, Miguel consegue se infiltrar na mansão de Ernesto e, enfim, conhece seu ídolo, que o aceita como seu tataraneto. Héctor, também infiltrado na mansão, confronta Ernesto e implora que Miguel cumpra o acordo feito e coloque sua foto na oferenda da família Rivera. Héctor relembra que morreu misteriosamente após discutir com Ernesto, pois havia decidido desistir de sua carreira musical e retornar à família. Ernesto, para dissuadi-lo, ofereceu-lhe uma bebida, porém, pouco tempo depois, Héctor faleceu. Miguel relembra da cena de um filme protagonizado por Ernesto em que o vilão tentou envenenar a bebida do protagonista. Héctor conclui que Ernesto o envenenou, roubou seu violão e suas canções, assumiu o crédito por elas e usou-as para ficar famoso. Após se revelar uma pessoa egoísta e sem caráter, Ernesto rouba a foto e ordena que seus seguranças joguem Miguel e Héctor em uma gruta subterrânea.

Na gruta, Miguel e Héctor se reconhecem como tataraneto e tataravó, e concluem que Inês é filha de Héctor, a única no Mundo dos Vivos que ainda se lembra dele. Com a ajuda de Dante, Amélia e Pepita salvam Miguel e Héctor da gruta. Amélia, aos poucos, se reconcilia com Héctor, depois de Miguel revelar que seu tataravó fora morto por Ernesto justamente quando tentava voltar para sua família. Porém, eles ainda precisam recuperar a foto roubada por Ernesto. A família organiza um plano para resgatá-la, mas ele falha e Ernesto joga Miguel do alto da torre de sua mansão, momento em que a foto se perde na água. A farsa de Ernesto vem a público e ele é repudiado por todos.

À medida que o sol nasce, Héctor corre o risco de ser esquecido e desaparecer. Amélia, enfim, abençoa Miguel, permitindo que ele siga em frente com o sonho de ser músico no Mundo dos Vivos. Ele volta para casa e, após se esquivar de sua Abuelita, se tranca no quarto de Inês e tenta fazer com que ela se lembre de Héctor, sem sucesso. Os familiares vivos destrancam a porta e

Miguel, em uma última tentativa, decide tocar uma canção que Héctor fez em homenagem a Inês, quando ela era criança. A canção faz com que ela se lembre de Héctor e se revitalize, para a grata surpresa de Abuelita e dos demais presentes. Inês dá a Miguel o pedaço rasgado da foto da oferenda que contém o rosto de Héctor. Miguel se reconcilia com Abuelita, que o aceita de volta e encerra o banimento da música na família.

Um ano se passa. Com os esforços de Miguel, que recebeu de Inês as cartas e letras de músicas de Héctor que provam ser ele o verdadeiro autor das canções, o legado de Ernesto é destruído e o público, que outrora o venerava, passa a venerar Héctor. Durante este ano, Inês veio a falecer e pôde se reunir com Amélia e Héctor, no Mundo dos Mortos. Miguel orgulhosamente apresenta a oferenda de sua família à sua irmã mais nova, recém-nascida. Na cena final, Héctor, Amélia, Inês e os outros membros mortos da família Rivera visitam os familiares vivos no feriado de Dia dos Mortos, ocasião em que Miguel canta e toca sua música para todos.

Discussão

O ponto de partida é o conflito que surge entre o desejo de Miguel em relação a música e o segredo familiar que tenta abafar esse impulso. Miguel era um menino com ritmo e musicalidade que não tinham lugar na sua história nem na história familiar que ele conhecia. Por isso, o valor da música na vida de Miguel se torna um segredo para a família.

Ao quebrar o porta-retratos acidentalmente, o menino descobre a foto da bisavó rasgada, mas não desfeita, possibilitando-lhe reconhecer o violão de seu grande ídolo e encontrar uma possibilidade de identificação familiar. Este fato o impulsiona a ir em busca da sua história, revelar o seu segredo e confrontar a família. Neste momento, de forma inconsciente, a Abuelita tem uma reação agressiva que o impede de pensar e seguir sua história.

Na família de Miguel não há identidades próprias, não há história contada, pois o segredo da tataravó obstrui estas possibilidades: todos se tornaram sapatéis e do ritmo musical restam apenas asmarteladas. A transmissão psíquica transgeracional nesta família, presa em um segredo originário de um trauma, descobre uma possibilidade de dissolução quando o menino encontra um modelo identificatório.

Ao buscar o violão, Miguel entra em contato com o desconhecido (Mundo dos Mortos), o que lhe possibilita construir sua subjetividade por meio da narração de sua história. A força do segredo é tão grande que, mesmo ao chegar no Mundo dos Mortos e iniciar a sua aventura, ainda é pressionado a voltar ao Mundo dos Vivos e esquecer-se da música. Percebe-se preso em um passado que condiciona. Há um movimento truncado, estéril, que Guerra (2008) denomina *perpétuo presente em rotação*, tomando por empréstimo o termo utilizado

pelo poeta mexicano Otávio Paz. Mesmo em outro mundo, Miguel é condicionado a voltar para o ciclo da história familiar.

O menino se vê sozinho nessa empreitada e já está no processo de reescrever a sua história, afastando-se de seu legado e buscando seu sonho. Em um primeiro momento, anda no escuro, sem reconhecimento algum, se torna invisível. À medida que começa a re-conhecer, o mundo passa a ter cor, o que se acentua enquanto investiga sua própria história, tem contato com os sentimentos e se identifica com a história familiar até então velada.

Conforme Gutfreind (2010), a formação do sujeito depende de uma mãe que possa ouvir, contar ou calar e, com isso, envelopar as pulsões de uma criança e banhá-la de referências. Ao buscar realizar seu sonho, Miguel encontra tais referências. Ao contar e ouvir, ocorre a interação com os outros e, a partir daí, o sujeito se constitui como humano, com uma identidade própria. No filme, são referências o encontro de Miguel com Hector, mesmo sem saber ser ele seu verdadeiro tataravô, a busca conjunta por um violão e a apresentação da dupla no festival de música. Depois, o encontro com a tataravó, durante a fuga, e ao confrontá-la, o fato de ela cantar uma música com muita emoção. Adiante, encontra seu ídolo, que pensava ser seu tataravô, e só então a história verdadeira começa a aparecer.

A história de Miguel e de Hector se conecta quando ambos estão presos em uma gruta, Hector lembra de sua filha Inês e Miguel se dá conta de que ela é a sua bisavó. Após serem salvos, novamente a música resgata e reforça os vínculos, possibilitando que a verdadeira história venha à tona.

Miguel é então libertado pelos familiares do Mundo dos Mortos para poder retornar ao Mundo dos Vivos e viver a musicalidade que faz parte de seu Eu. Ao retornar, precisa ainda resgatar a história com os demais familiares e a principal preocupação é de que o tataravô não seja esquecido, uma vez que a foto de Hector se perdeu durante a trama.

Para Lebovici (1993, apud Solis-Ponton e Gutfreind, 2004), quando o que é transmitido nas relações familiares é conflituoso demais, os membros da família não tomam para si o transmitido, a filiação não pode se fazer e a transmissão de cultura é bloqueada. Na família de Miguel, o único membro que pode desbloquear tais transmissões é Inês, e o menino vai imediatamente até ela. Para auxiliá-la a lembrar de seu pai, em um *insight*, começa a cantar e tocar a música *Remember me*, pois Héctor lhe havia revelado que tinha feito essa música para ela e ambos cantavam juntos. Mais uma vez, a música possibilita que a família reencontre sua verdadeira história. Segundo Guerra (2011), ao teorizar sobre a importância do papel do ritmo na vida psíquica, a música, a melodia e o ritmo podem, além do conteúdo da linguagem, chegar a ser uma forma de apoio do ser.

Ao visitar o Mundo dos Mortos, Miguel torna possível a narração da sua história familiar e põe em cena o que Gutfreind e Solis-Ponton (2004) chamam de uma empatia continente e metaforizante. As brutalidades sofridas por sua

família foram nomeadas. O que até então era um nó traumático e incompreensível passa a fazer parte do discurso. Surge a possibilidade de se escrever uma nova história. O filme termina com Miguel orgulhoso, mostrando para a irmã a oferenda aos familiares mortos e narrando a história de cada um deles. O Dia dos Mortos é comemorado por todos com música e alegria. A irmã de Miguel está nos braços da mãe, atenta a tudo e representa a possibilidade de uma nova história familiar.

Considerações Finais

Os momentos de nascimento e morte propiciam situações privilegiadas de transmissão psíquica, pois mobilizam sentimentos de fragilidade e expectativa variados. Acontecimentos traumáticos também podem provocar no sujeito efeitos psíquicos que o perturbam, assim como podem influenciar suas relações com os demais membros em sua volta (Trachtenberg et al, 2005). Assim, o reflexo do desaparecimento/abandono do tataravô repercutiu num impedimento de poder sentir prazer com a música naquela família.

A aventura de Miguel pelo Mundo dos Mortos proporcionou um resgate da história e o trauma do abandono passou a ser narrado e entendido como uma tragédia. Não deixou de trazer repercussões para a família, mas possibilitou que fossem faladas e elaboradas. A narratividade tornou a transmissão psíquica livre de legados. A partir daí, cada membro da família poderávira ter identidade individual própria, já que agora estão vinculados pela história e não pelo cumprimento de um legado.

Referências

- Golse, B. (2003). *Sobre a Psicoterapia pais-bebê: narratividade, filiação e transmissão*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Guerra, V. (2008). *Consultas terapêuticas con bebes: historia, narrativa y contratransferencia*. Material utilizado no curso Transtornos do vínculo e clínica da perinatalidade do Instituto Leo Kanner.
- _____. (2011). O ritmo na vida psíquica: entre perda e reencontro. In Zornig, S. M.; Aragão, R. O.. *Nascimento, antes e depois: cuidados em rede*. Curitiba: Honoris Causa.
- _____. (2014). Indicadores de Intersubjetividade 0-12 meses: del encuentro de las miradas al placer de jugar juntos (parte I). *Psicanálise: Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*. 16 (1), 209-235.
- Gutfreind, C. & Solis-Ponton, L. (2004). A transmissão transgeracional na consulta terapêutica da parentalidade. In Solis-Ponton, L. (org.) *Ser pai, ser mãe: parentalidade, um desafio para o terceiro milênio*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- _____. (2010). *O terapeuta e o lobo: a utilização do conto na psicanálise da criança*. Rio de Janeiro: Artes e Ofícios.

- Houzel, D. (2004). As implicações da parentalidade. In Ser pai, ser mãe: parentalidade: um desafio para o terceiro milênio. Solis-Ponton, Leticia (org.) *Ser pai, ser mãe: parentalidade, um desafio para o terceiro milênio*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mello, V. M. H. P. (2005). Entre luz e trevas: o legado transgeracional de um luto não-elaborado na realidade psíquica de uma criança. In Trachtenberg, A. R. C.; Kokpittke, C. C.; Pereira, D. Z. T.; Chem, V. D. M.; Mello, V. M. H. P. *Transgeracionalidade de escravo a herdeiro: um destino entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Trachtenberg, A. R. C. (2005). Trauma, transgeracionalidade e intergeracionalidade: uma transformação possível. In Trachtenberg, A. R. C.; Kokpittke, C. C.; Pereira, D. Z. T.; Chem, V. D. M.; Mello, V. M. H. P. *Transgeracionalidade de escravo a herdeiro: um destino entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Trachtenberg, A. R. C.; Pereira, D. Z. T.; Chem, V. D. M.; Mello, V. M. H. P. (2005). Verbetes. In Trachtenberg, A. R. C.; Kokpittke, C. C.; Pereira, D. Z. T.; Chem, V. D. M.; Mello, V. M. H. P. *Transgeracionalidade de escravo a herdeiro: um destino entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Viva - a vida é uma festa. Dir. Lee Unkrich. Disney Pixar, 2017. Film.